

O DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS SOB O OLHAR DA ABORDAGEM PIKLER

¹ Mario Fernandes Ramires, professormariomfr@hotmail.com

² Herika Luciana Chavez, herikaluciana1@gmail.com

^{1,2} Faculdade Flamingo - SP

RESUMO

O presente artigo possui como objetivo trazer reflexões acerca da Abordagem Pikler, levantando questões históricas, propondo comparações em relação aos modelos tradicionais e, de maneira mais acentuada, buscando o entendimento das relações entre teoria e prática no processo de ensino e aprendizagem. Em muitos momentos, desacreditamos das capacidades dos bebês e das crianças pequenas, acreditando que sua autonomia, construção de conhecimentos e observação do mundo ocorre apenas após terem atingido uma idade maior, entre os 4 e 5 anos, por exemplo. Contudo, a Abordagem Pikler nos oferece outras formas de pensar e de agir, entendendo os bebês e crianças pequenas como sujeitos de suas aprendizagens, considerando-os em suas especificidades. Para a realização da pesquisa, foram feitos estudos bibliográficos, com destaque a autora Judit Falk (2010; 2011; 2013) e entrevistas com duas educadoras que utilizam a Abordagem Pikler em suas práticas educacionais.

Palavras-chave: Abordagem Pikler; Ensino e aprendizagem; Educação; Bebês e crianças pequenas

Data de recebimento: 16/12/2020

Data de aceite: 20/12/2020

Data de Publicação: 30/12/2020

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo possui como base uma pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida durante o ano de 2020 na Escola de Educação da Faculdade Flamingo e tem como objetivo

trazer reflexões acerca das contribuições da Abordagem Pikler para a educação de crianças entre 0 e 3 anos de idade. Essa questão surgiu a partir de observações feitas na prática cotidiana em uma instituição de ensino que possui convênio com a prefeitura de São Paulo, localizada no bairro da Lapa, na zona oeste da cidade de São Paulo. A partir de então, surgiram perguntas, tais quais: os bebês devem ser apenas cuidados em suas necessidades fisiológicas, ou existem propostas de desenvolvimento a partir de vivências criativas que devem ser valorizadas? Em que medida deve-se valorizar a autonomia das crianças em seu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual? Quais abordagens propõe a ruptura como o modelo tradicional, que prevê apenas o cuidar?

Os conceitos teóricos já adquiridos durante a realização de quatro semestres do curso foram o gatilho para as reflexões durante as práticas na escola, que é administrada por uma Irmandade Religiosa, sendo a aluna e uma das autoras deste trabalho, Herika Luciana Chaves, freira missionária e estudante de Pedagogia. A Irmandade a qual pertence possui sede justamente em Budapeste, cidade na qual Emmi Pikler, criadora da Abordagem Pikler, viveu e realizou seus estudos e suas propostas acerca da educação de crianças e sua primeira infância. Contudo, a instituição na qual atuava como professora assistente não utiliza a Abordagem Pikler de forma oficial ou sistemática, apesar de algumas vivências serem realizadas.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foram feitas entrevistas com duas educadoras que possuem formação específica e lançam mão da Abordagem Pikler em suas práticas, com experiências que envolvem diferentes linguagens, inclusive a dança, com propostas bem diferentes das tradicionais danças de festas de final de ano, ou alguma outra data comemorativa. As entrevistas foram importantes para trazer reflexões acerca da prática, das propostas de autonomia do desenvolvimento e da criatividade no processo de construção do conhecimento acerca de si, dos outros e do mundo.

No ano de 2019, a estudante Herika Luciana iniciou seu trabalho como auxiliar de berçário na cidade de São Paulo, observando que as professoras estimulavam as crianças com algumas atividades, imaginando que os pequenos não iriam conseguir realizá-las, o que se tratou de um engano, pois elas realizavam bem mais do que era proposto e isso a deixava encantada. Nesse mesmo ano, havia dado início ao curso de Pedagogia, que proporcionou a base teórica para suas primeiras reflexões e indagações acerca da prática docente com bebês e crianças pequenas.

No início do ano de 2020, Herika Luciana Chaves se inscreveu para participar do grupo de Iniciação Científica conduzido pelo Professor Mário Fernandes Ramires, dentro da linha de

pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade, pertencente à Escola de Educação da Faculdade Flamingo. Contudo, veio a pandemia causada pelo COVID-19 e começamos a fazer os encontros on-line, com a presença de outras estudantes do curso de Pedagogia, o que acabou dando origem a um grupo de estudos sobre práticas pedagógicas, no qual cada integrante pôde propor textos, livros, artigos, matérias e documentários, para serem discutidos nos encontros. Nesses encontros, a Abordagem Pikler esteve presente constantemente, assim como os conceitos previstos na abordagem Reggio Emilia, autores como John Dewey, Jerome Bruner, Paulo Freire, entre outros, abordando temáticas que iam desde a Didática, até questões culturais, étnicas e raciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - ABORDAGEM PIKLER E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Antes de nos aprofundarmos em conceitos teóricos e reflexões sobre a prática, é importante contextualizarmos a existência de Emmi Pikler e de sua prática enquanto educadora. Emmi Pikler foi uma médica pediatra, que nasceu no ano de 1902 em Viena na Áustria, e durante sua infância mudou-se para Budapeste, capital da Hungria, onde viveu até 1984. Dessa forma, percebemos que viveu o conturbado século 20, um século marcado pela Era dos Extremos, segundo o historiador Eric Hobsbawm (1998), momentos de intensas mudanças, marcado por guerras mundiais, guerras ideológicas, políticas, econômicas, religiosas, territoriais, independência de ex-colônias na África e na América Central.

Todo esse movimento também ocorria no âmbito da cultura, da pesquisa das chamadas ciências humanas, da educação, e, já em na primeira metade do século 20, importantes propostas de mudanças começaram a ganhar força. Na pesquisa histórica, por exemplo, o positivismo foi colocado em xeque a partir do surgimento da Escola dos Annales (1929) e do desenvolvimento de pesquisas pautadas pela história do cotidiano e das mentalidades, em oposição ao heroísmo de grandes personagens histórico, que haviam desempenhado papéis de destaque em grandes acontecimentos. Essas mudanças estavam permeadas por ideias interdisciplinares, por meio das quais a divisão entre as áreas do conhecimento cedeu espaço para trabalhos que, cada vez mais, lançavam mão de estudos que buscavam diálogos entre a história, a economia, a psicologia, a antropologia, a filosofia, entre outras áreas dos conhecimentos e/ou disciplinas acadêmicas.

No âmbito educacional, o modelo tecnicista foi questionado, e o período entre guerras foi caracterizado pelo surgimento de ideias contra o positivismo científico e questionavam os

valores da sociedade após a Primeira Guerra Mundial deixar milhões de mortos e sequelados entre os anos de 1914 e 1918. Após um período de paz, porém de crises econômicas e sociais, a Segunda Guerra Mundial (1940-1944), já com características marcadamente ideológicas, jogou o mundo em mais um período de instabilidade e genocídio, seguido de longos anos da chamada Guerra Fria. Pensadores do movimento da Escola Nova, tanto no exterior quanto no Brasil, foram contemporâneos ao surgimento das ideias revolucionárias em Reggio Emilia, na Itália, assim como da Pedagogia Waldorf, surgida em 1919 na Alemanha, fundada por Rudolf Steiner. Todas essas propostas viam o desenvolvimento autônomo, para a prática da democracia e a construção do ensino a partir das artes e do respeito às especificidades temporais, culturais e cognitivas de cada criança.

Fazendo parte de todo esse universo de transformações da primeira metade do século 20, Emmi Pikler, junto ao seu marido, também médico, decidiram que dariam a sua primeira filha liberdade para movimentar-se em seu próprio ritmo. No período da Segunda guerra mundial seu marido foi preso por ser judeu e muitas famílias a ajudaram sobreviver nesses tempos difíceis. Com o fim da guerra, Emmi Pikler dedicou-se ao trabalho com crianças abandonadas e desnutridas e, em 1940, publicou um livro voltado para os pais das crianças, no qual relatou sua experiência em dar liberdade para a sua filha se desenvolver de forma autônoma.

Em 1946, Pikler fundou o Instituto Lóczy, em Budapeste, um orfanato para acolher crianças órfãs e abandonadas, instituição na qual esteve à frente até 1979. O orfanato se transformou em uma creche, onde até hoje acontecem atividades de pesquisas sobre a infância. A instituição agora é chamada de Instituto Pikler e é dirigida pela psicóloga infantil Anna Tardos, filha de Emmi Pikler. Pensando a educação na primeira infância, quando trabalhamos com bebês, nós imaginamos que eles são frágeis e totalmente dependentes, pois nós, adultos, vivemos em um mundo acelerado interligando família com trabalho, muitas vezes, nos esquecendo de observar o mundo ao nosso redor, com os bebês e crianças pequenas isso é completamente diferente. No que se refere à infância, tudo é aprendido. Aprendemos com os sons, com a música, com o silêncio, com o toque, com palavras de afeto, com limites (BUENO, 2018). Nesse sentido, a primeira e primeiríssima infância são momentos de aprendizados fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, pois são suas primeiras sensações, emoções e descobertas.

Todas as crianças têm uma disposição atenta ao mundo a sua volta, tudo é importante para elas, pois diferente de muitos adultos, as crianças dão valor aos pequenos momentos, a sua percepção é tão profunda que ela consegue aprender com tudo o que observa, inclusive, elas aprendem muito nos observando também.

Como Marcelo Bueno (2018) nos diz, tudo é aprendido para a criança e infelizmente nem percebemos que o tempo em que a criança está parada observando algo ela está aprendendo ou criando. Quando crescemos nós apenas olhamos para uma borboleta que voa, com a criança é diferente, pois ela olha para a borboleta e tenta pronunciar as cores, o movimento, a criança percebe que a borboleta está voando e que agora acabou pousando na rosa amarela que está plantada no jardim. O olhar da criança vai além do olhar do adulto. E este é um conceito de tempo poético, o tempo que a criança destina para observar uma formiguinha, para colocar uma folhinha na água corrente e vê-la descer rua abaixo. (BUENO, 2018).

Precisamos escutar as vozes dos bebês, precisamos permitir que eles tenham acesso autônomo aos brinquedos, objetos e espaços. Quando os prendemos em um “chiqueirinho” nós estamos prendendo a oportunidade de descobertas que aquela criança possa ter. Conforme destacado por Amanda Milléo (2016)

Se ele estiver passando muito tempo no carrinho, no berço, no cadeirão ou no cercadinho, o espaço disponível para o desenvolvimento motor e cognitivo é limitado, e ele pode levar mais tempo para andar ou mesmo falar. Isso porque os bebês só conseguem pensar e se expressar quando se mexem: o corpo é a única forma de expressão antes de aprenderem a falar. (MILLÉO, 2016).

A autora traz importantes reflexões acerca dos momentos de liberdade de desenvolvimento das crianças, autonomia em seus movimentos corporais e superação do receio que os adultos possam ter ao tomar essas medidas.

Se confiarmos nas capacidades da criança pequena, se apoiarmos a sua atividade autônoma, veremos que ela é capaz de muito mais coisas do que geralmente imaginamos, como destreza corporal e uma curiosidade atenta pelo seu ambiente. A linguagem corporal, isto é, a atitude das crianças, a expressão dos seus rostos, são testemunhas disso. (TARDOS, 2010, p.50).

Temos que ter consciência de que o bebê não é apenas um objeto de cuidado, temos que passar a observar de forma mais atenta o seu desenvolvimento e oferecer a eles maior autonomia nas brincadeiras, deixando que eles escolham os brinquedos com os quais desejam brincar, os espaços que querem explorar.

Geralmente, quando estão em suas casas, as relações dos bebês e crianças pequenas com o mundo é sempre intermediada pelas gerações mais velhas de suas famílias, e em escolas de educação infantil de zero a três anos, essa relação é mediada, pelo(a) professor(a). Na maioria das vezes, os responsáveis e professores já vêm com o dia a dia do bebê pronto, por exemplo: brincar de roda, a atividade do dia será essa, e, se fizermos analogia a uma árvore, infelizmente acabam podando algumas folhas que poderiam crescer mais na vida daquele bebê, pois a criança

tem muitas possibilidades dentro de casa, assim como dentro do espaço de educação formal. Muitas vezes, os pais e professores só entregam aquele mesmo brinquedo de plástico, deduzindo ainda que é o brinquedo preferido da criança, claro que será o preferido, pois é o único tipo de brinquedo que ela tem acesso. E a situação se torna pior quando determinamos os espaços que as crianças podem explorar, que geralmente está cercado por travesseiros e o bebê não pode nem pensar em atravessar a linha de marcação, que lá vai o adulto e coloca ele dentro do espaço de demarcado.

Tendo como referência as pesquisas de Emmi Pikler, Falk (2010) diz que:

Fazer com que a criança realize exercícios correspondentes a determinado estágio de desenvolvimento facilitará ou acelerará os processos, ou seja, o acesso ao estágio considerado superior. Porém, o condicionamento, o treinamento e o adestramento voltados a atingir habilidades que ultrapassem a sua maturidade física ou psíquica tem um valor bastante duvidoso. (FALK, 2010, p.44).

Não devemos tirar esse direito do bebê, direito de se desenvolver de forma autônoma e livre, não devemos impedir que o bebê seja um sujeito de relação, relação com o mundo e com as pessoas que os cercam. A atividade autônoma, ao primeiro olhar, pode até tornar-se algo nocivo aos olhos de muitos, principalmente aos olhos dos pais, pois, pensando em uma proposta baseada em Emmi Pikler, para que a prática da autonomia aconteça com os bebês e crianças pequenas, o adulto não deve pegar o bebê no colo toda vez que ele sente vontade, não propor brincadeiras direcionadas e determinadas, não forçar a criança a engatinhar, sentar ou ficar em pé. Ao contrário, devemos deixar que a criança siga seu próprio ritmo e curiosidade, e suas atividades e vivências diárias sejam decididas por ela.

Sobre a observação do adulto às práticas da criança, devemos ter em mente que:

A observação do conteúdo da atividade da criança na vida diária, cujo motivador é a livre motricidade e cujo instrumento é a riqueza do ambiente, permite apreciar o nível global de seu desenvolvimento de uma maneira completamente nova. Essa apreciação intervirá na qualidade do movimento e da brincadeira, no interesse que a criança tem por seu próprio jogo. (FALK, 2011, p.50-51).

A ideia de que o adulto não deve intervir na vivência da criança não quer dizer que o adulto deva se afastar do bebê e não se importar com o que ele faz, pois é muito importante a presença de um adulto na vida da criança, principalmente na comunicação emocional, é necessário que o adulto estabeleça uma relação de afeto e confiança com seu bebê e essa relação baseia-se na atenção e nos cuidados diários com a criança. Ao dar banho, vestir, trocar fraldas e ao alimentar a criança, por exemplo, toda vez que o adulto for fazer alguma dessas atividades com seu bebê,

deve explicar o que será feito e até mesmo pedir a participação do bebê, para que aos poucos ele adquira confiança e responsabilidade por suas ações. Nas palavras de Falk (2013):

Esses momentos permitem ao educador conhecer as necessidades da criança para melhor atendê-la, por outro lado, possibilita a segurança afetiva que permite que a criança aproveite profundamente os momentos de atividade livre e exploração do seu entorno que se intercalam com os momentos de cuidado sem precisar da atenção diretiva dos adultos (FALK, 2013).

Portanto, para que a criança se desenvolva de forma saudável e autônoma, o papel dos pais e professores é respeitar as suas atitudes e vivências diárias, para que, a partir disso, ela consiga ter um desenvolvimento sadio de acordo com o seu próprio ritmo e aprendizado.

A partir da prática vivenciada pela professora assistente Herika Luciana Chaves, por meio das entrevistas realizadas e da bibliografia estudada, é correto pensar que um dos desafios da educação infantil é tirar as crianças da passividade e fazer com que eles se tornem sujeitos autônomos, criativos e livres. Devemos oferecer à criança condições de desenvolvimento autônomo, para tanto, é preciso que o adulto estabeleça uma boa relação com ela durante os cuidados diários, desta forma ele aprenderá como atender as necessidades da criança, transmitindo afetividade e confiança. Não devemos obrigar a criança a caminhar, nosso papel é observar e oferecer a elas a possibilidade de, por si só, aprender que ela pode primeiro engatinhar, depois levantar e por fim caminhar. Por isso é bom deixar a criança brincar livremente no chão e é importante que escolas e creches tenham em seus espaços corrimão para que o bebê possa apoiar-se.

Os bebês tem capacidade de ser autônomos, muitas vezes eles conseguem fazer muito mais do que imaginamos, contudo nós, adultos, temos que confiar mais neles e deixá-los mais livres da mesma forma que Emmi Pikler confiou e nos deixou um grande legado que é a Abordagem Pikler, que privilegia a autonomia, a liberdade e o relacionamento entre criança e pais/professores no aprender. A abordagem tem por objetivo estimular as primeiras fases do desenvolvimento infantil por meio de atividades que fortaleçam a independência do bebê e práticas que podem ser adotadas pelos pais e professores na hora de cuidar da criança.

2.2 - DUAS PROFESSORAS E SUAS VIVÊNCIAS COM A ABORDAGEM PIKLER

Conforme mencionado anteriormente, dentro da proposta metodológica da pesquisa, foram entrevistadas duas professoras especialistas em Abordagem Pikler e que possuem vivências na construção de importantes projetos educacionais, são ela: Adriana Vilchez Magrini Liza, que

atuou como docente na rede pública por mais de 15 anos e atualmente atua com bebês e crianças no projeto Dança Criativa, desenvolvido em escolas particulares há 4 anos e Mariana Queiroz Americano, educadora há a 18 anos e que utiliza Abordagem Pikler há 9 anos, tendo feito várias vivências como bebês e crianças pequenas na rede municipal de ensino.

Uma das perguntas realizadas foi justamente o primeiro contato que as professoras entrevistadas tiveram com a Abordagem Pikler, pois essa foi uma reflexão importante durante a proposta das questões para a pesquisa. Ou seja, nossas reflexões foram, em muitos momentos, sobre quando e como a aluna da Iniciação Científica e autora deste artigo, Herika Luciana Chaves, teve contato com o modelo educacional pikleriano e como esse contato influenciou a sua prática.

A partir dessa questão, é importante pensarmos como a Abordagem Pikler, ou até mesmo outras abordagens para bebês e crianças pequenas, estão presentes nos currículos dos cursos de formação de professores. Em diversas experiências na docência de disciplinas como Didática, Teorias educacionais, Metodologias ou Currículo, pouco, ou quase nada se observa na discussão de metodologias e abordagens que vão além do cuidar. No que diz respeito à prática docente, os currículos de cursos de Pedagogia estão bastante focados na alfabetização, no ensino de matemática e demais disciplinas, já previstas no ensino Fundamental, pouco se discutindo sobre as práticas com bebês e crianças pequenas, mesmo que as (os) estudantes do curso atuem, ou venham a atuar, em grande parte, no segmento da educação infantil.

Uma das perguntas do questionário realizado com as professoras, dizia respeito ao papel dos docentes na prática educacional utilizando a Abordagem Pikler. É preciso deixar claro que não estamos designando toda a responsabilidade de uma prática autônoma e que rompe com as barreiras da educação tradicional ao corpo docente, contudo, é inegável que educadoras e educadores possuem função nodal nesse processo, pois, além de buscar a formação específica e praticar diversos estudos é necessário que estejam dispostas e dispostos preparar o ambiente, com diversas possibilidades de experimentação e observar muito mais do que determinar os rumos e caminhos tomados pelas crianças nas soluções de questões e desafios. Conforme destacado por Emmi Pikler (apud FALK, 2011, p. 27) “a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta”.

Sobre a questão do papel do docente, a professora Adriana Vilchez Magrini Liza, em sua resposta, destacou que:

O papel do professor é de vital importância na abordagem Pikler, mas não como uma fonte de estimulação direta, nem como mediador dos estímulos do entorno do bebê e da criança pequena. O professor vai muito além de estímulos, pois ele deve estar atento na qualidade do cuidado que lhe é oferecido, no cuidado da escuta sensível e honesta, nas relações significativas. Com as estimulações indiretas, o mediador cria as condições de equilíbrio do desenvolvimento emocional e afetivo e do desenvolvimento psicomotor e intelectual dos bebês e das crianças pequenas. Respeitar o bebê e a criança pequena como um ser que é sensível e que é capaz de compreender, registrar, observar e sentir tudo e todos a sua volta, cria-se um vínculo estável, favorecendo o desenvolvimento global da criança.

Em consonância com a professora a professora Adriana Vilchez Magrini Liza, Judit Falk salienta que

o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda no caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida (FALK, 2011, p. 27).

A educadora Mariana Queiroz Americano também destacou a questão emocional e da afetividade no processo educativo quando pensamos na prática docente, ao afirmar que “O principal papel dos docentes é a relação que estabelecem com as crianças que garante a segurança afetiva para a criança”. Percebemos assim, que as relações entre adultos e crianças, quando não possui o intervencionismo constante e a determinação na busca de soluções e respostas, são mais ricas e significativas. A relação de confiança entre as partes possibilita vivências de constante construção dos indivíduos e suas relações.

Entre as discussões acerca da formação de docentes e da atuação desses profissionais no cotidiano escolar, a relação entre teoria e prática ocupa lugar de destaque. É comum vermos estudantes de cursos formadores de licenciatura afirmando que “na teoria é uma coisa na prática é outra”. Por esse motivo, a proposta inicial da pesquisa de Iniciação Científica e fazer observações em campo, estar nas vivências com educadoras e educadores que estudam e praticam a Abordagem Pikler. Contudo, com o advento da pandemia causado pelo COVID-19, essas observações não foram possíveis e, pela falta de perspectiva de quando as coisas “voltariam ao normal”, optamos pelo questionário com as professoras.

Uma das questões colocadas foi justamente sobre as práticas e vivências dessas educadoras com a Abordagem Pikler. De qualquer forma, estamos levando em conta as condições educacionais no Brasil, pautadas tanto pelo conservadorismo e pelo uso de métodos tradicionais, quanto pelas desigualdades em relação ao acesso a serviços básicos. Sobre sua prática, a professora Adriana Vilchez respondeu:

Minha experiência vem sendo o trabalho em sala de aula, como professora de Corpo e Movimento pelo projeto de Dança Criativa com os bebês e crianças pequenas. Este projeto é resultado de minha pesquisa de mestrado concluída em 2019. O projeto são as aulas de dança, oferecidas para bebês e meninos e meninas, uma vez por semana nas escolas com duração de 30 minutos. Esta é uma aula

voltada para a sensibilidade de gestos e movimentos para a colaboração da construção do corpo e do cérebro do bebê. As conexões sociais e emocionais são feitas quando dançamos juntos com os bebês e os bebês com os outros. Os objetos propositores e sensoriais colaboram para explorar os conceitos da dança. As músicas são cuidadosamente escolhidas para acompanhar o planejamento da aula. Os bebês são incentivados a movimentar-se no chão para que possam se deslocar, através dos padrões iniciais de movimento, construindo assim, uma base sólida em seus primeiros anos de vida. Dançar com os bebês não é apenas divertido e lúdico, mas sim, educativo enquanto exploram suas habilidades. Contamos sempre com os professores e auxiliares para que esse processo de dança aconteça ou então com os pais nas aulas abertas para a família. Mais informação você pode acessar em meu site www.dancacriativa.com.br.

É muito interessante perceber a trajetória de pesquisa e prática educacional a partir da dança e da expressão corporal de bebês, ficando claro que há uma proposta de prática a partir de um estudo, de vivências cotidianas, que, assim como qualquer tentativa, está sujeita a erros e acertos. Nesse caso, é interessante pensar na sensibilidade e no olhar que o adulto educador deve possuir em relação aos bebês, perceber seus movimentos, a forma como sente a música, o desenvolvimento de suas habilidades e a participação da família nesse processo.

No que diz respeito à formação para atuação enquanto educadora representante da Abordagem Pikler, a professora Mariana Queiroz Americano mostra a importância de sua trajetória, inclusive enquanto formadora de docentes que pretendem utilizar a Abordagem Pikler em suas vivências educacionais. Nesse sentido, respondendo a pergunta sobre suas experiências em projetos e formação nessa abordagem, a entrevistada afirmou:

Desde 2012 participo de diversos grupos de estudos e de trabalho. Sou uma das articuladoras da Rede Pikler Brasil e consultora fiscal da Associação Pikler Brasil, já estudei no Instituto Pikler Lóczy da França, na Associação Rosa Sensat em Barcelona, no Instituto Pikler em Budapeste e na Fundacion Ami, no Equador.

As palavras de Mariana Queiroz são importantes para a reflexão sobre a formação e os estudos que envolvem discussões acerca da teoria e da prática, ou seja, conforme temos mostrado, a Abordagem Pikler não se quer dizer “soltar” as crianças e bebês de qualquer jeito e deixar que façam o que querem, quando querem. Os estudos e as trocas de experiências são fundamentais para a prática consciente e significativa, para que os bebês e crianças confiem nos adultos, os adultos confiem nos pequenos e em si mesmos, ao propor as práticas cotidianas.

É importante destacar as possibilidades do envolvimento da família e demais membros da comunidade escolar nas vivências, o que de fato torna as práticas mais significativas, envolve afeto e reforça a ideia da confiança, por parte dos responsáveis e das crianças. A esse respeito, em sua resposta sobre a prática de formar docentes, a professora Adriana Vilchez Magrini Liza, mesmo não atuando na formação de docentes, trouxe questões fundamentais:

Minha prática como formadora acontece com os pais. Ao propor aulas abertas onde os pais são convidados a fazer uma aula dançante com seus bebês, assim podemos compartilhar algumas informações sobre os bebês e seus movimentos. Normalmente nestas aulas abertas além dos pais também participam alguns avós e irmãos. Indiretamente acontece também, com a equipe que atua no berçário que sempre participa das aulas internas e abertas. Estes encontros são muito prazerosos e potentes. Infelizmente não atuo como formadora de docentes pela Abordagem Pikler, apenas estudo e pesquisa sua Abordagem.

A resposta da educadora/pesquisadora traz a questão da formação de uma cultura educacional cotidiana, dentro do âmbito da escola, ou da creche. Essa formação é importante para conectar a comunidade escolar em propósitos transformadores, não apenas ser uma vivência isolada, da professora com as crianças, sem compartilhar. Sendo assim, é importante compartilhar não apenas os resultados, mas também as vivências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, podemos pensar em algumas considerações fundamentais sobre a importância da Abordagem Pikler nas relações entre adultos e crianças, nesse caso, destacadamente no âmbito da escola e da creche. Em primeiro lugar, devemos ter em mente que em uma sociedade que prevalece o modelo tradicional na educação, lançar mão da Abordagem Pikler pode ser um desafio, mas, os desafios existem para serem superados, no caso da educação, tanto na rede pública, quanto na rede privada. A professora Mariana Queiroz, por exemplo, realiza vivências cotidianamente na rede pública de ensino, com bebês e crianças. Já a professora Adriana Vilchez, atua na rede particular.

Outra questão que ficou marcante na pesquisa foi a importância da formação de professoras e professores que pretendem utilizar a Abordagem Pikler em suas práticas educacionais. Para que haja a segurança ao observar e propor vivências, é necessário que existe uma proposta consciente e elaborada, e não uma “fazer por fazer”. Podemos pensar que nossa formação docente é constante, diária e ocorre na prática cotidiana, ou seja, tentativas, erros e acertos são comuns e fundamentais para a nossa formação. Essa formação deve estar alinhada a estudos e trocas e experiências com demais educadores (as) que lançam mão dessa abordagem em suas aulas.

A Abordagem Pikler, ao propôr autonomia no desenvolvimento dos bebês e crianças, respeitando sua liberdade e as formas como irão superar seus desafios, é de fundamental importância para o desenvolvimento de pessoas mais seguras em suas ações individuais e coletivas. Deve-se pensar no espaço, nos recursos, no tempo, nas especificidades de cada criança, fazer relatos e, acima de tudo, olhar com respeito e escutar as crianças e bebês em

seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BUENO, Marcelo Cunha. **No chão da escola**, Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2018.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FALK, J. (Org.) **Abordagem Pikler**. Educação Infantil. São Paulo: Omnisciência, 2010.

_____. **Lóczy e sua história**. In: FALK, J. (Org.) Educar nos três primeiros anos: a experiência de Lóczy. São Paulo: Junqueira&Marin Editores, 2011.

_____. (Org.) Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. (2011)

_____. **Bañando el bebé. Budapest**: Asociación Pikler-Loczy de Hungria, 2013.

MELLO. **SINGULANI**,. A estabilidade por meio da continuidade e qualidade dos cuidados e relações. 2014.

MILLÉO Amanda. **Lugar de bebê é no chão**. Saiba por que. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/lugar-bebe-chao-saiba-por-que/>. Consultado em 12/01/2021. Publicado em 14/07/2016.

TARDOS, A. **Autonomia e/ou dependência**. In: FALK, J. (Org.) Abordagem Pikler Educação Infantil. São Paulo: Omnisciência, 2010.

THE DEVELOPMENT OF BABIES AND SMALL CHILDREN UNDER THE VIEW OF THE PIKLER APPROACH

¹ Mario Fernandes Ramires, professormariomfr@hotmail.com

² Herika Luciana Chavez, herikaluciana1@gmail.com

^{1,2} Faculdade Flamingo/SP

ABSTRACT

The present article aims to bring reflections on the Pikler Approach, raising historical questions, proposing comparisons in relation to traditional models and, more sharply, seeking to understand the relationships between theory and practice in the teaching and learning process. In many moments, we discredit the abilities of babies and young children, believing that their autonomy, knowledge construction and observation of the world occurs only after they have reached an older age, between 4 and 5 years, for example. However, the Pikler Approach offers us other ways of thinking and acting, understanding babies and young children as subjects of their learning, considering them in their specificities. To carry out the research, bibliographic studies were carried out, with emphasis on the author Judit Falk (2010; 2011; 2013) and interviews with two educators who use the Pikler Approach in their educational practices.

Keywords: Pikler approach; Teaching and learning; Education; Babies and young children